



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

**VANESSA LIMA BRASIL DE FIGUEIREDO**

**FARTURA E FESTEJO:**

**COMIDA, CANTO E DANÇA NO CIRCUITO DE TROCAS DA FESTA DE SÃO  
BENEDITO EM ALMEIRIM/PA**

**SANTARÉM/PA  
2022**

**VANESSA LIMA BRASIL DE FIGUEIREDO**

**FARTURA E FESTEJO:**

**COMIDA, CANTO E DANÇA NO CIRCUITO DE TROCAS DA FESTA DE SÃO  
BENEDITO EM ALMEIRIM/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Aparicio Suarez

**SANTARÉM/PA  
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA**

---

- F475f Figueiredo, Vanessa Lima Brasil de  
Fatura e festejo: comida, canto e dança no circuito de trocas da Festa de São Benedito em Almerim/PA / Vanessa Lima Brasil de Figueiredo. – Santarém, 2022.  
63 p.: il.  
Inclui bibliografias.
- Orientador: Miguel Aparicio Suarez.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Curso Bacharelado em Antropologia.
1. Festa de São Benedito. 2. Festa do gambá. 3. Almerim – Pará – Brasil. I. Suarez, Miguel Aparicio Suarez, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 305.6098115

**VANESSA LIMA BRASIL DE FIGUEIREDO**

**FARTURA E FESTEJO:**

**COMIDA, CANTO E DANÇA NO CIRCUITO DE TROCAS DA FESTA DE SÃO  
BENEDITO EM ALMEIRIM/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Conceito: 9

Data de Aprovação: 19 / 08 / 2022



---

Prof. Dr. Miguel Aparicio Suarez (Orientador)  
Universidade Federal do Oeste do Pará



---

Profa. Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho  
Universidade Federal do Oeste do Pará



---

Prof. Me. Mateus Waimer (Membro)  
Centro Universitário da Amazônia - UNAMA

À família Castro e aos foliões da Irmandade de São Benedito de Almeirim.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Verushka Danielle Lima Brasil, por todo amor e cuidado recebidos durante o tempo que tivemos juntas.

Ao meu pai, Rogerio Batista de Figueiredo, pelo constante apoio independente dos rumos de minhas escolhas.

À Luciana Gonçalves de Carvalho, minha *chefa*, minha mentora, por todo o conhecimento compartilhado durante os anos de graduação, pela paciência, e por não desistir de mim.

À minha irmã, Helloana Cristine Machado de Figueiredo, e seu esposo, Cleiton Aguiar Vieira de Assis, por me acolherem quando eu era recém-chegada em Santarém. Sem eles, minha permanência na cidade não teria sido possível.

À minha avó, Wanda Lima Brasil, pela constante assistência.

Ao meu irmãozinho, Ricardo Pinheiro de Figueiredo, por existir, por ser minha fonte de força.

À família Castro e aos foliões de São Benedito, por me receberem de braços abertos, especialmente à Wardson Mendes, que esteve comigo em todos os dias da festividade.

Ao meu orientador, Miguel Aparicio Suarez, por aceitar, com grande empolgação, participar dessa jornada comigo – mesmo com todos os contratempos (de minha parte).

À Brenda Caroline Vieira, Adriano Rubem e Marcílio Serrão, pelo companheirismo e suporte dado ao longo dos anos de graduação.

Às bolsistas do antigo PEPCA – Ana Araújo, Juliana Bentes, Laiane Katrine, Lorena Bastos, Márcia Gemaque, Soliane Vieira –, minhas companheiras de bar e de estudo, em especial à Valentina Calado Pompermaier, por seu constante incentivo e disposição em ajudar nos momentos de necessidade.

À todo o corpo docente da Antropologia, principalmente às professoras Lucybeth Arruda e Helena Schiel.

À Dían Oliveira, Nicolas Ariel e todos os outros que de alguma forma contribuíram ao longo dessa caminhada.

Às instituições que fomentaram minha pesquisa de diferentes formas: Fapespa, através do Edital 2017-2018, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; e Ufopa, via Edital Conjunto PROENSINO/PIBIC/PIBEX Nº 001/2019 e Edital 10/2018 PROPPIT/UFOPA, do Programa de Fomento a Trabalhos de Conclusão De Curso – PROTCC.

Por fim, à mim mesma, por ter chego até aqui.

“Glorioso São Benedito  
Ponha esta mesa no céu  
[...]  
Viva quem serviu a mesa  
Quem deu água aos foliões”

- Canto de Agradecimento da Mesa

## RESUMO

As festas de santo são celebrações populares tradicionais bastante comuns na Amazônia, as quais valorizam, além dos ritos religiosos propriamente ditos, práticas de troca e reciprocidade que fazem circular diversos tipos de dons materiais e simbólicos nos variados espaços em que elas se realizam: residências, praças, barracões, capelas e outros. A fim de mapear os sentidos das trocas realizadas na festa de São Benedito em Almeirim/PA, o presente trabalho elegeu o circuito de almoços e jantares realizados ao longo dos onze dias de celebração, que se estendem de 20 a 30 de junho anualmente. Propôs-se uma etnografia das trocas por meio da observação direta, da realização de entrevistas com participantes da festa e do registro audiovisual de etapas rituais do ciclo festivo, a fim de subsidiar análise antropológica. Em foco estão os cenários, os personagens e os bens materiais e imateriais trocados durante as fartas refeições ofertadas aos foliões do santo como pagamento de promessas ou prova de devoção, pelas quais os foliões agradecem e retribuem, oferecendo música e dança aos anfitriões e seus demais convidados. Na sequência das performances, tais refeições propiciam a circulação de comida, música e dança, constituindo uma prática festiva que (re)afirma os laços entre os humanos, e entre eles e São Benedito, ao mesmo tempo que potencializa relações de parentesco, afinidade e amizade que marcam a trajetória histórica da festa e do *gambá* em Almeirim.

**Palavras-chave:** Festa de São Benedito. Festa do gambá. Almeirim (Pará, Brasil).

## ABSTRACT

Saint's feasts are traditional popular celebrations quite common in the Amazon, which value, besides the religious rites themselves, practices of exchange and reciprocity that circulate various types of material and symbolic gifts in the various spaces where they take place: residences, squares, sheds, chapels and others. In order to map the meanings of the exchanges carried out in the feast of São Benedito in Almeirim/PA, the present work elected the circuit of lunches and dinners held during the eleven days of celebration, which extend from June 20 to June 30 annually. An ethnography of the exchanges was proposed by means of direct observation, interviews with party participants, and audiovisual recording of the ritual stages of the festive cycle, in order to subsidize anthropological analysis. In focus are the scenarios, the characters and the material and immaterial goods exchanged during the abundant meals offered to the revelers of the saint as payment of promises or proof of devotion, for which the revelers give thanks and reciprocate, offering music and dance to the hosts and their other guests. Following the performances, such meals propitiate the circulation of food, music and dance, constituting a festive practice that (re)affirms the bonds among humans, and between them and Saint Benedict, at the same time potentiating kinship, affinity and friendship relations that mark the historical trajectory of the feast and of the *gambá* in Almeirim.

**Keywords:** Feast of Saint Benedict. Feast of the *gambá*. Almeirim (Pará, Brazil).

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Elvira Castro segurando a pedra usada para punição e expiação de foliões .....	31
Imagem 2 – Foliões soltando fogos de artifício conforme a embarcação de Ademair Sarges se aproxima .....	33
Imagem 3 – Folião retirando folhas de palmeira da embarcação .....	34
Imagem 4 – Foliões retirando o tronco de morototó da embarcação .....	34
Imagem 5 – Foliões e juízes ornamentando o mastro .....	35
Imagem 6 – Mantenedor prendendo estandarte no topo do mastro.....	36
Imagem 7 – Alfereses agitando as bandeiras com os demais foliões e devotos ao fundo, completando as três voltas ao redor do mastro .....	37
Imagem 8 – Foliões e devotos erguendo o mastro .....	37
Imagem 9 – Estandarte preso no topo do mastro, com a pomba em cima .....	38
Imagem 10 – Devotos na balsa aguardando a chegada da imagem de São Benedito para dar início à Meia Lua .....	39
Imagem 11 – Barcos e lanchas durante a Meia Lua, seguindo ao e atrás da balsa que leva a imagem do santo .....	40
Imagem 12 – Alferes balançando a bandeira após uma volta completa em frente à cidade ...	41
Imagem 13 – Foliões erguendo o andor para virá-lo para a frente da cidade .....	41
Imagem 14 – Músicos se preparando para tocar e cantar a cada volta completada .....	42
Imagem 15 – Membros da Igreja, foliões e demais devotos no início da procissão .....	43
Imagem 16 – Devoto alcançando o cabo do machado na sua vez de golpear o mastro .....	44
Imagem 17 – Devotos se aglutinando embaixo do mastro para pegar frutas ou segurar o estandarte .....	44
Imagem 18 – José Barroso Damasceno, mestre-sala, entoando a ladainha .....	45
Imagem 19 – Foliões carregando o mastro para a casa de João Câncio, devoto que abrigou o mastro em 2017 .....	45
Imagem 20 – Músicos tocando o gambá ao fim da festividade .....	46
Imagem 21 – Foliões entoando o canto de Agradecimento da Mesa, no Retiro de São Benedito .....	51
Imagem 22 – Jovelina (Vita) Castro e Wilson de Azevedo, alferes, encenando o embate da pomba e o gavião após almoço ofertado na casa do mestre-sala Alvim Amaral, em 24/06/2017.....	52

Imagem 23 – Casal de dançarinos recitando versos da Desfeiteira em 24/06/2017, na residência de Alvim Amaral, mestre-sala.....	53
Imagem 24 – Convivas dançando a valsa na casa de Alvim Amaral, em 24/06/2017.....	54
Imagem 25 – Convivas dançando o xote na casa de Alvim Amaral, em 24/06/2017.....	55

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
PEPCA	Programa de Extensão Patrimônio Cultural da Amazônia
PSR	Processo Seletivo Regular
SACACA	Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
Ufopa	Universidade Federal do Oeste do Pará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>ITINERÁRIO DA PESQUISA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Curiosidade: um misto de dores e alegrias .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>Impulsividade: a empolgação vence a cautela .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Intersubjetividade: a captura pela experiência .....</b>	<b>20</b>
<b>2.4</b>	<b>O campo propriamente dito: aprendendo a desempenhar papéis .....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>DESCRIÇÃO DA FESTA .....</b>	<b>27</b>
<b>3.1</b>	<b>Breve histórico da festa de São Benedito de Almeirim .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2</b>	<b>Organização e hierarquia da festa .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3</b>	<b>Ciclo festivo .....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>O CIRCUITO DE TROCAS DO GAMBÁ NAS REFEIÇÕES OFERTADAS A SÃO BENEDITO .....</b>	<b>47</b>
<b>4.1</b>	<b>Canto e dança do gambá .....</b>	<b>47</b>
<b>4.2</b>	<b>As trocas rituais do gambá .....</b>	<b>48</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As festas de santo são celebrações populares tradicionais, ainda usuais na Amazônia. Em geral, elas atualizam um modelo festivo que valoriza, além dos ritos de natureza religiosa propriamente ditos, dimensões lúdicas do ato de celebrar em práticas de comensalidade, na entoação de ladainhas, em cortejos animados por folias (músicas em louvor aos santos, cantadas ao som do toque de caixas e outros instrumentos de percussão), em jogos e disputas festivas (NOGUEIRA, 2008; BRAGA, 2007). Além disso, revelam um padrão de organização semelhante que conta com a constante presença de um barracão ou ramada – motivo pelo qual são também chamadas festas de ramada –, do(s) mastro(s) e todos os ritos que o(s) envolvem – busca, levantamento, derrubada –, e de personagens como juízes, mordomos, procuradores, donos ou cuidadores do santo, entre outros elementos.

As festas de santo instauram ambientes regidos por ações ritualizadas que propiciam e/ou assinalam encontros entre os humanos, e entre eles e divindades. Constituem ocasiões privilegiadas para a formação e a renovação de vínculos de solidariedade, fé e sociabilidade que afirmam a sacralidade da festa na vitalidade dos laços humanos, desfazendo a vulgar dicotomia sagrado-profano. São, por assim dizer, esferas vitais da vida social, potencializando trocas de dons e contradons (MAUSS, 1995).

Neste trabalho, assumo tal perspectiva para analisar o circuito de dons e contradons na festividade de São Benedito em Almeirim (PA), mais especificamente a circulação de comida, canto e dança, como passo a expor.

Dotada das características das festas de santo na Amazônia mencionadas acima, a festa de São Benedito almeirimense é realizada anualmente, de 20 a 30 de junho, não somente nas ruas e residências da sede municipal, mas também de outros distritos do município. No entanto, ela conta com uma especificidade ainda pouco conhecida na literatura socioantropológica dedicada ao tema: o gambá – motivo pelo qual é também conhecida como “festa do gambá”.

O gambá, em Almeirim, pode ser denominado como um conjunto de expressões musicais, incluindo as danças delas resultantes, constituídas em torno de tradições supostamente afro-ameríndias que se baseiam no toque ritualístico de três tambores feitos de madeira e pele de animal. Com variações, o gambá também pode ser encontrado nos municípios de Gurupá, Porto de Moz e Aveiro (VAZ FILHO, 2010; 2019), no Pará; e em Maués, no Amazonas (ÁVILA, 2016), sempre em contextos relacionados a festas de santo.

Entendido então como uma expressão mista de música e dança, o gambá é sobretudo executado durante os almoços e jantares de festa, nos quais são ofertadas aos foliões de São Benedito – grupo responsável pela manutenção dos ritos da festa, junto aos dançarinos – fartas refeições como pagamento de promessas por parte dos anfitriões. Após comerem e em contrapartida à refeição recebida, os foliões iniciam uma série de toques rituais introduzidos pelo “Agradecimento da mesa”, até passarem a executar o gambá propriamente dito (os cantos e as danças).

Ao longo dos dez dias de festividade, a troca de comida, canto e dança se repete invariavelmente nas casas de diferentes anfitriões, a partir de performances específicas por parte dos personagens da festa. Assim, esta pesquisa etnográfica teve como propósito analisar especificamente a circulação de *comida, canto e dança* nessa celebração.

A pesquisa foi realizada a partir da observação participante, da transcrição de entrevistas estruturadas e não-estruturadas (estas últimas gravadas em suportes audiovisuais), da descrição detalhada dos eventos festivos, do tratamento de fotografias, e do investimento em leituras – principalmente de outras festividades relacionadas a São Benedito, assim como do recurso a fontes secundárias.

O trabalho está estruturado em três capítulos, além desta introdução e considerações finais. No próximo capítulo, exponho as motivações pessoais e intelectuais que influenciaram o itinerário da pesquisa. Nele são enfatizadas as dimensões subjetivas e as conexões intersubjetivas, principalmente com os participantes da festividade, essenciais para a compreensão de aspectos que me propus investigar.

O terceiro capítulo apresenta um exercício de descrição etnográfica da festa de 2017, que acompanhei na íntegra, observando, fotografando, entrevistando e dialogando com pessoas nos ambientes festivos. O ciclo festivo, os ritos, os personagens da festa e os objetos rituais nela utilizados são descritos e ilustrados por meio de fotografias que produzi em campo. Além disso, o capítulo também traz conhecimentos que acumulei em outras oportunidades de trabalho de campo, fora do período festivo, graças ao apoio financeiro concedido pela Ufopa por meio do Edital PROTCC 2018. Essas oportunidades foram cruciais para o esclarecimento de dúvidas e questionamentos elaborados a partir da primeira experiência de campo.

Diretamente conectado ao anterior, o quarto capítulo aprofunda o aspecto das trocas ritualizadas de comida, canto e dança em determinados ritos que fazem parte do ciclo festivo. O olhar volta-se, sobretudo, para a interação entre os festeiros e os anfitriões dos almoços e jantares ofertados em louvor a São Benedito. Muito embora possa ser executado e apreciado

como uma das *apresentações culturais* no arraial, é nessas ocasiões domésticas e nos ambientes de comensalidade que o gambá sobressai em sua dimensão ritualizada, fomentando a interação face a face entre os sujeitos envolvidos.

As considerações apresentadas por fim são produtos inacabados: trazem reflexões, mas sobretudo questionamentos novos que podem orientar futuros investimentos sobre o tema de pesquisa proposto.

Para terminar esta introdução, vale a pena destacar que este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), finalizado após dois anos de grandes problemas vivenciados em associação com a pandemia de Covid-19, é um dos produtos da pesquisa na qual me envolvi em 2017.

O primeiro produto do meu contato com a festividade de São Benedito em Almeirim foi o filme etnográfico “Os Castros vêm tocar: fé e festa da São Benedito em Almeirim”. Esse documentário narra diferentes aspectos da festa, com destaque para: o papel da família Castro, que há gerações tem sido essencial em sua (re)produção; os ritos festivos que se sucedem em onze dias de celebração; e a principal particularidade da festa, que é a expressão cultural regionalmente conhecida como gambá. Ele foi publicado na revista *Anthropológicas Visual* em 2019 e exibido em eventos culturais e acadêmicos como a Reunião de Antropologia do Mercosul de 2019.

O segundo produto do meu trabalho foi o artigo “O gambá e as trocas rituais na festa da São Benedito em Almeirim/PA”, publicado na revista *Asas da Palavra* em 2019. Nesse ano também publiquei o ensaio fotográfico “Comida, canto e dança: a circulação de dons na festa do gambá para São Benedito” na revista *Iluminuras*.

Em 2020, em atendimento ao Edital PROTCC, que requer a apresentação de um artigo em revista cadastrada na plataforma Sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com qualis B4 ou maior, submeti à revista *Mundaú* o artigo intitulado “Iniciação antropológica na festa do gambá de Almeirim, Pará”.

## 2 ITINERÁRIO DA PESQUISA

Neste capítulo, exponho as motivações pessoais e intelectuais que influenciaram o ingresso no curso de Antropologia e o itinerário da pesquisa que deu origem a este TCC. A escrita assume um tom pessoal, partindo de vivências e memórias infantis que formaram um terreno subjetivo fértil para a pesquisa. Relato aspectos da aproximação com o tema pesquisado, destacando as conexões intersubjetivas estabelecidas com os participantes da festividade. Por fim, narro experiências como antropóloga em formação e em trabalho de campo.

### 2.1 Curiosidade: um misto de dores e alegrias

Ingressei na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) em maio de 2016, através do sistema de cotas – grupo 4, sendo os critérios da universidade na época: estudantes que cursaram o ensino médio integralmente em escola pública, com renda familiar bruta superior a 1,5 salário-mínimo, e que não se autodeclaram pretos, pardos ou indígenas. O curso escolhido por mim foi o de bacharelado em Antropologia. Surpreenda-se, caro leitor, quando digo que nunca antes havia ouvido falar em tal curso. “Antropologia” era uma palavra desconhecida e que, portanto, me despertava curiosidade.

Tendo estudado desde 2008 em escolas públicas estaduais, apesar da carga de aprendizado e do esforço de meus professores, transitei por muito tempo entre períodos de greves e aulas com conteúdo reduzido. Além disso, soma-se o fato de eu ter crescido em uma cidade pequena, Alenquer, onde as únicas profissões realmente almejadas por jovens com interesse no ensino superior estavam nos cursos de Direito e Medicina. Não é realmente uma surpresa que eu não tenha ouvido sobre “Antropologia” antes.

A sede da Ufopa é localizada na cidade de Santarém/PA, região do Baixo Amazonas. Portanto, já que na época em que participei do Processo Seletivo Regular (PSR) ainda não havia polos em outras cidades, precisei sair de Alenquer – o que não foi um grande sacrifício, já que essa era a minha maior vontade. Tinha – e ainda tenho – muita curiosidade a respeito do mundo e, para poder conhecê-lo, não poderia ficar parada em um só lugar. Enxerguei no ensino superior o meio para dar início ao meu objetivo.

Dessa forma, movida pelo desejo de conhecimento e aprendizado, ingressei em um curso pouco conhecido (por mim e por meus conterrâneos), em uma universidade federal no interior da Amazônia, em uma cidade que não aquela onde cresci. Foi duro, árduo e igualmente novo e satisfatório. Estar na Ufopa me ensinou não somente sobre o curso que escolhi, mas

também sobre pluralidades, diferenças e particularidades. Tive contato com tantas outras formas de ver e se relacionar com o mundo e a vida. A universidade me ensinou mais do que jamais pensei em aprender. E a Antropologia fez o mesmo.

Minha vida é permeada por dores e alegrias. E são essas dores e alegrias que despertaram em mim a vontade de aprender e me levaram ao meu campo de pesquisa. Minha mãe faleceu em novembro de 2007, um mês antes de meu aniversário de nove anos, deixando meu pai viúvo e a mim, órfã. Sua morte causou um grande abalo em nossas vidas e, principalmente, na relação que mantínhamos um com o outro. Nós nos afastamos: ele de mim, e eu, de todos. Posso dizer, então, que o restante de minha infância e grande parte da adolescência foram um tanto solitários.

Minhas companhias eram os livros: as histórias, os personagens, as lições. E mesmo todo o meu amor pela leitura não foi o bastante para preencher o vazio que existia em mim. Eu precisava de algo mais. Recorri àquilo que já havia sido introduzido em minha vida, que sempre esteve presente em algum grau: a religião. Quase toda minha família paterna é católica, e esse é o lado da família do qual sou mais próxima. As matriarcas são as tias maternas de meu pai, e independente do grau de parentesco para com elas, elas são sempre “As Tias”. E são elas as mais devotas, são elas que mantêm em casa armários e mais armários cheios de imagens de santos, principalmente de Santo Antônio, o padroeiro de Alenquer.

Embora tenha feito parte de um longo período da minha infância, o Deus católico não era algo que fizesse muito sentido para mim. Todos os domingos, quando minha mãe ainda estava viva, eu era levada à Igreja Matriz de Santo Antônio para assistir à missa para crianças. E eu sempre ia, mesmo sem fazer ideia do porquê deveria estar ali. Após as missas, íamos para a casa das tias, localizada em frente à igreja, onde éramos sempre levadas direto para a cozinha, para comer pães, bolos e açaí. Essa era sempre a melhor parte. Minha família não possui muito dinheiro, mas comida é algo que nunca faltou, especialmente para as crianças.

Tudo isso parou de acontecer depois da morte de mamãe. E eu estava tão perdida, sem entender tantas mudanças repentinas, que não percebi o que tanto me fazia falta: não as missas, mas toda a rotina construída, o contato com a família. Como meu pai raramente me levava na casa das tias, acredito que eu tenha buscado por conta própria formas de despertar o sentimento de familiaridade dentro de mim, de trazer as risadas e o gosto do açaí outra vez. Mesmo me isolando, eu queria desesperadamente não estar sozinha.

Por conta disso, somado à ausência de meu pai, agarrei-me com todas as forças no Deus que minhas tias tanto amavam e acreditavam, no Deus que costumava me tirar de casa em todas as manhãs de domingo. A veracidade de Sua existência não era uma questão para mim, mas

quando me apeguei a Ele, me vi acreditando fervorosamente, tão ferozmente quanto minhas tias. E por meses senti que tudo tinha um propósito, que tudo ficaria bem, que havia um plano sendo traçado para mim. Eu não estava mais sozinha.

No entanto, eu ainda precisava de mais do que uma presença imaterial. Como estava menos deprimida e mais comunicativa, comecei a me relacionar melhor com meus colegas da escola. Ressaltando que sempre estudei em escolas públicas (com exceção do ensino infantil), não é surpresa que, por conta de minha abertura para com os outros, eu tenha conseguido visualizar realidades que me chocaram: estudantes, por exemplo, que sempre saíam primeiro no intervalo para poder lanchar, pois a situação financeira da família era tão precária que eles não tinham o bastante nem para comer.

Desigualdades sociais, perdas como a minha, machismo – que até então eu não entendia ou não chamava pelo nome, mas que me incomodava –, me fizeram finalmente questionar as realidades, questionar minhas crenças. Não há um propósito divino em crianças passando fome. Eu escolhi não acreditar em algo que naturalizasse isso. Se não havia propósito, então por que acontecia? Foi quando minha curiosidade em relação ao mundo finalmente despertou. No ensino médio, busquei focar mais em disciplinas como Sociologia e Filosofia, mesmo que meu forte fossem as disciplinas de Matemática, Química e Física.

Nesse sentido, sair de Alenquer foi libertador e representou um salto no meu aprendizado. Eu tinha dezessete anos quando comecei a estudar Antropologia e, desde o primeiro momento, o choque e a necessidade de desconstrução se fizeram presentes. A lucidez me deixou pessimista em relação a mudanças estruturais na sociedade, ao passo que *saber* só me fez desejar saber mais. Descobri um amor pelo estudo que não achei ser possível. Minha curiosidade só aumentou. Há tanto para se aprender que mesmo uma vida inteira não seria o bastante.

## **2.2 Impulsividade: a empolgação vence a cautela**

Em abril de 2017, no recesso entre meus segundo e terceiro semestres, fui convidada por uma colega de classe para integrar um grupo que estava sendo montado para realizar, principalmente, transcrições de diversas entrevistas gravadas em suportes de áudio referentes a uma pesquisa que estava sendo realizada em Repartimento dos Pilões, no município de Almeirim. A pesquisa estava sendo coordenada pela professora doutora Luciana Gonçalves de Carvalho, no âmbito do Programa de Extensão Patrimônio Cultural da Amazônia (PEPCA).

O trabalho foi cansativo e, por vezes, difícil. Afinal, eram entrevistas com áudios ruidosos, algumas com volume baixo, e que não me eram familiares, visto que eu não estivera presente durante as gravações. Minha experiência de entrada no PEPCA não foi nada grandiosa, mas definitivamente marcante, pois foi a partir da pesquisa sobre Repartimento dos Pilões que comecei a desenvolver minha própria pesquisa meses depois, também no município de Almeirim, embora não tratasse sobre temáticas territoriais.

No final de maio, Luciana Carvalho comunicou ao grupo de voluntários que estaria indo novamente a Almeirim, no mês de junho, por ocasião da gravação de um filme documentário sobre a festa de São Benedito (ou festa do gambá) amparada pela Ufopa. Ela seria a antropóloga à frente da produção, visto que já tinha experiência em trabalhos com este formato. Assim, havendo disponibilidade para levar um aluno ou aluna consigo, Luciana disse para escolhermos entre nós, caso tivéssemos interesse, e então comunicar a ela a pessoa eleita.

O grupo de voluntários era, na verdade, um grupo de voluntárias – todas jovens da mesma turma na qual ingressei. Assim, nossa disponibilidade e níveis de maturidade no curso eram os mesmos. Estávamos exatamente no meio de um semestre e ainda nos adaptando aos prazos e às pressões do ensino superior. Luciana já havia dito de antemão que o tempo em campo seria de, aproximadamente, dez dias, já que este é o período de duração da festa. Dessa forma, estávamos todas receosas, ainda que empolgadas.

A cautela venceu minhas colegas, e teria me vencido também se eu tivesse pensado mais sobre a proposta. Gostaria de poder dizer que tomei a decisão com a mente limpa, após pesar cuidadosamente os prós e os contras. Mas sou uma pessoa curiosa e embora seja, sim, cautelosa, às vezes me permito impulsos como este. No meio do terceiro semestre, um campo de pesquisa sério era algo apenas mencionado até então. Eu não fazia ideia de quando uma oportunidade como essa apareceria novamente, e também não estava disposta a esperar. Minhas colegas não objetaram.

Conforme orientação, comuniquei a Luciana o que havíamos decidido entre nós: eu seria a discente a acompanhá-la durante as gravações do filme. Ela concordou. Assim, em 20 de junho, viajamos, junto ao cinegrafista, Carlos Bandeira, rumo a Almeirim. Confesso que, apesar do grande desejo de ter aquela experiência, nem sequer procurei saber o que realmente era a tal “festa do gambá”. Não fui a campo como uma pesquisadora – até porque eu não estava preparada para tal –, e sim como uma aluna recém-chegada na Antropologia, deslumbrada com as vastas possibilidades teóricas e de pesquisa, ansiosa para ver como se fazia na prática.

### 2.3 Intersubjetividade: a captura pela experiência

Apesar das dificuldades e do cansaço constante, amei cada segundo dos meus onze dias em campo. A festa do gambá me despertou sentimentos de familiaridade, carinho e encanto. Apesar das diferenças para com a festividade de Santo Antônio em minha cidade de origem, não pude deixar de recordar a festa que fez parte de minha infância, principalmente pelo que vi presente nas duas: a crença dos devotos nos santos e, por meio deles, em Deus. Me senti profundamente envolvida pela fé que fez centenas de pessoas saírem de suas casas todos os anos para acompanhar e saudar a imagem do santo.

Na festa de Santo Antônio não há batuques, não há *meia lua*, nem rodízios de refeições entre as casas dos devotos. Mas a força com que envolve os participantes é a mesma. Em Almeirim, com a festividade de São Benedito, vi tudo aquilo que já havia presenciado antes em Alenquer durante minha infância, quando minha mãe ainda estava viva. Lembrei-me da lavação do santo, de minhas irmãs se preparando para as apresentações que ocorriam durante as noites, das barracas de comidas e brincadeiras espalhadas ao redor da praça, do parque, da onda de pessoas saindo da Igreja após a missa e indo aproveitar o arraial.

Minhas memórias não são das mais claras, visto que eu era uma criança e meu olhar estava sempre voltado para o que me divertia: resumidamente, o parque e as barracas de tiro ao alvo. Mas claro, há outras memórias imbricadas, há sentimentos que, hoje em dia, estão mergulhados em saudade. Me recordo da empolgação se retorcendo em meu estômago quando via o parque chegando na cidade e começando a ser montado atrás da Igreja Matriz de Santo Antônio. Eu mal conseguia aguentar a ansiedade, visto que logo seria dia 1 de junho, e eu poderia finalmente me esbaldar em todos aqueles brinquedos.

Por volta do mesmo período em que o parque era montado, ocorria a lavação do santo, na qual famílias conectadas à Igreja se organizavam para lavar a grande imagem de Santo Antônio fixa bem em frente à igreja. Lembro de baldes de água sendo carregados e de estruturas montadas ao redor da imagem para as pessoas poderem subir. Lembro de meus irmãos e irmãs rindo, ensopados, com espuma nos rostos. Eu gostaria tanto de poder subir naquelas estruturas junto com eles, poder ter a força de carregar aqueles baldes... só para participar também. Ainda assim, mesmo que não pudesse, eu sempre encontrava um jeito de voltar encharcada para casa – algo a ver com as mangueiras que os adultos me davam após grande insistência de minha parte.

O arraial de Santo Antônio ocorre todos os anos de 1 a 13 de junho e, muito antes de seu início, diversos preparativos são feitos. Todas as noites, há algum tipo de atração, além das missas. Hoje em dia, não vejo mais tantos movimentos para a festividade, mas anos atrás era como se a cidade fervilhasse. As escolas preparavam alunos para dançar, a Igreja preparava seus jovens para fazer apresentações, peças, havia grupos de boi e outros ritmos, até de tango. Duas de minhas irmãs estavam quase sempre no grupo para dançar boi. Não me recordo de ensaios, mas, em uma de minhas memórias mais nítidas, estou presente enquanto elas experimentam as roupas adornadas com penas. Eu não via a hora de crescer e poder seguir os passos delas.

Estar em Almeirim, na festa de São Benedito, me fez sentir tantas coisas, coisas que eu não sentia há muito tempo. O clima de fé e festa foi realmente contagiante. Na época eu não conseguia distinguir o que eram aquelas sensações, só comecei a traçar os paralelos com minha infância muito tempo depois. Entendi finalmente por que me senti tão conectada com aquelas pessoas, o porquê de eu ter apreciado cada momento que passei com a família Castro e os foliões da Irmandade de São Benedito. As festas eram diferentes, é claro, mas sua presença nas vidas dos participantes evocam os mesmos sentimentos de pertença e comunidade.

Minha primeira experiência em campo foi realmente sublime. Não me arrependi em nenhum momento do impulso que me levou a conhecer a festa do gambá. Eu costumava pensar nas festas de santo sempre por uma perspectiva religiosa católica, mas agora vejo que tais festas abarcam muito mais do que crenças de tal ordem. Elas são mediações entre crenças também indígenas e afro-brasileiras, para além do catolicismo; elas são espaços de sociabilidade e construção de indivíduos e de comunidade. Eu não tive dúvidas de que a festa do gambá de Almeirim seria meu foco de pesquisa para o TCC, dada a profunda marca que ela deixou em mim.

Após nosso retorno para Santarém, Luciana e eu iniciamos o tratamento das gravações: minutagem dos vídeos, seleção de cenas, personagens e falas, para então fazer a decupagem e montagem. Poucos meses depois, um edital de bolsas de iniciação científica fomentadas pela Fapespa foi aberto, e Luciana elaborou e submeteu o plano de trabalho “Comida, canto e dança: a circulação de dons nos ritos da festa de São Benedito em Almeirim”, atrelado ao projeto “Performances do dom em festas de santo na Amazônia contemporânea”, cuja pretensão era a de contribuir no avanço do conhecimento antropológico acerca de trocas, rituais e trocas rituais em contextos festivos.

No entanto, este não era o único projeto no qual minha então orientadora estava trabalhando. Havia várias outras pesquisas sendo realizadas no Pepca – que a esta altura já havia dado origem ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente (SACACA) – e também atividades docentes a executar. Dessa forma, tivemos de pausar o tratamento do material construído em Almeirim. E embora eu estivesse entregue ao que estava fazendo, por aquela ser minha primeira experiência no audiovisual, não me senti confiante o suficiente para prosseguir sozinha.

O projeto acabou ficando intocado por meses, até que, no final de abril de 2018, a Fapespa começou a reunir a documentação para consolidação das bolsas de pesquisa. Assim, em maio, retornei ao material de Almeirim no intuito de cumprir o plano de trabalho. Durante os meses de intervalo, acabei por experienciar fazer pesquisa em outra temática, na Etnologia. Cumprindo as obrigações da disciplina “Território e Identidade”, fiz um campo que me levou à aldeia Akayúwasú, no rio Arapiuns. A luta dos indígenas pelo direito à sua terra foi algo que despertou em mim um sentimento de dever e obrigação. Contudo, iniciar as atividades do plano de trabalho trouxe de volta os sentimentos que tanto me marcaram. Tornou-se claro que não havia outro caminho de pesquisa a seguir.

#### **2.4 O campo propriamente dito: aprendendo a desempenhar papéis**

O primeiro contato com meu campo de pesquisa ocorreu em junho de 2017. A equipe era composta por mais dois integrantes além de mim: Luciana Carvalho, a pesquisadora responsável pela execução do projeto; e Carlos Bandeira, o cinegrafista. Minha inexperiência começou a se fazer visível antes mesmo de deixarmos a cidade, refletida em nossas bagagens – Luciana carregava consigo uma maleta de mão e uma bolsa no ombro; a bagagem de Carlos trazia majoritariamente seu equipamento de filmagem; e eu arrastava uma mala enorme que mal conseguia carregar.

Saímos de Santarém por volta das 5h da manhã, de lancha, e chegamos às 12h:30m no porto de Almeirim, sendo recebidos por Wardson Mendes, que nos levou para o hotel no qual ficaríamos. A festa do gambá é permeada por várias interrupções desde sua introdução no município. Naquele ano, a festa estava retornando de um desses períodos e, por isso, a programação não foi seguida à risca. Por essa razão, para nossa sorte, pudemos presenciar todos os ritos que marcam a festividade.

No dia de nossa chegada, não perdemos muito tempo nos instalando. Após o almoço, fomos direto conhecer os protagonistas da execução daquela celebração – a família Castro. Para além de uma festividade ligada a São Benedito, a festa se constitui também enquanto tradição familiar, visto que suas músicas, suas danças e seus instrumentos sagrados provêm todos dos Castros. Foi um antepassado da família, João Gomes, que migrou de Gurupá para o Paru (região do município de Almeirim), e levou consigo esta forma de celebrar o santo. Por muito tempo, a própria imagem do santo pertencia aos Castros, antes de ser doada para a igreja.

A festa para São Benedito em Almeirim pode ser categorizada por três aspectos, de acordo a visão dos próprios participantes: *social*, *religioso* e *cultural*. O aspecto social diz respeito especificamente ao arraial, voltado para a comunidade em geral, contando com vendas de comidas e bebidas, e com apresentações organizadas por escolas e outras instituições. O aspecto religioso se refere aos ritos religiosos, como missas e procissões, organizados e encabeçados pelos próprios membros da igreja. E o aspecto cultural envolve todos os ritos com a presença do toque e da dança do gambá. Tais aspectos ocorrem, em grande parte, se intercalando e cruzando.

Isso não significa, no entanto, que todos os três aspectos devam estar presentes no culto a São Benedito a cada ano. O santo pode ser celebrado todos os anos, por meio da Igreja, sem a presença do gambá, envolvendo momentos sociais e religiosos. Por outro lado, o lado cultural da festividade não pode ocorrer sem a presença do religioso, visto que o gambá está atrelado a São Benedito. O arraial não é um requisito para a execução do gambá, mas a família Castro e os foliões do santo costumeiramente fazem uma apresentação em seu último dia.

Conforme exposto, a festa do gambá – o aspecto cultural da festividade em geral – passou por várias interrupções ao longo dos anos, o que acarretou a sua suspensão em alguns períodos da história. Dessa forma, em diversos anos a festa para São Benedito foi reduzida aos aspectos religioso e social, com duração de apenas três dias – contrastando com os 10 dias da festividade completa. Após sua última suspensão, ocasionada em 2014 pela morte de um familiar no final do ano anterior, foi somente em 2017 que a família Castro voltou a integrar a festividade com o toque, o canto, e a dança do gambá. Foi esse o ano em que nossa equipe teve o primeiro contato com a festa do gambá.

Sem saber exatamente o que esperar e receosa de que pudesse fazer algo que não deveria e acabar atrapalhando o andamento da pesquisa de algum modo, mantive-me à sombra de Luciana, sempre observando o que ela fazia e o modo como conduzia as conversas e entrevistas. Nos primeiros dias, observei mais as suas ações em campo do que a festividade que se

desenrolava ao nosso redor. Estava sempre tão quietinha e parada que não fui percebida sequer enquanto estudante pelos sujeitos que dão forma à festa do gambá. Insegurança é, provavelmente, a palavra que marca meus primeiros dias em campo.

Não sendo uma aluna ou pesquisadora, por que uma jovem de 18 anos estaria ali? A resposta era óbvia: eu era a filha que Luciana havia levado consigo para a viagem. Em diversas ocasiões, quando ela não estava por perto, várias pessoas perguntavam sobre nossas vidas em Santarém e se eu era filha dela. Algumas nem mesmo perguntavam, já tomando por certo nosso laço consanguíneo, e ficavam espantadas quando eu comentava que nossa relação era acadêmica. Foi interessante, naquele momento, perceber como os próprios sujeitos alvos da pesquisa também fazem suas próprias análises e suposições acerca dos pesquisadores.

Essa foi, então, a primeira imagem projetada sobre mim durante o período em campo: eu era a filha da pesquisadora. Foram comuns frases como “Mas ela não é tua mãe?”, “Eu jurava que ela era tua mãe!”, seguidas pelo assombro causado pelo fato de que, na verdade, eu era universitária e voluntária no projeto: “Mas tu já tá na universidade? Nossa, tão novinha!”. No entanto, após findar as suspeitas de filiação, passei a ser vista como eu mesma me via: a estudante que estava aprendendo a fazer pesquisa ao acompanhar a profissional experiente. Esta visão, contudo, não durou muito.

A partir de conversas com Luciana, que percebeu que a festa poderia render também um livro para além do documentário, ficou decidido que eu ficaria responsável por fotografar as diversas ocasiões da festividade. Por conta disso, parei de seguir Luciana e passei a ser mais vista ao lado de Carlos, por vezes o ajudando também com as câmeras filmadoras. Éramos uma dupla cinematográfica: ele filmava e eu fotografava. Dessa forma, eu não era mais a aprendiz da Luciana – muito menos sua filha –, e sim a assistente de Carlos.

Os dias passaram a transcorrer dessa maneira, com nós três assumindo papéis bem definidos. Carlos fazia as gravações, eu o seguia fotografando, e Luciana observava, interagia ativamente com as pessoas e guiava as entrevistas. Passei a ficar um tanto desatenta quanto ao que se desenrolava ao nosso redor, estando mais preocupada com enquadramentos e iluminação. Concentrei-me demais no trabalho com a câmera e acabei por esquecer de sair de trás da lente e interagir com as pessoas que integravam o campo de pesquisa. Felizmente, tal problema foi contornado pouco tempo depois.

Antes mesmo de nossa ida para Almeirim, Luciana já havia deixado claro que precisaria se ausentar a partir do dia 26, pois teria compromisso em Brasília. Ficou a meu critério escolher se retornaria para Santarém ou se permaneceria em campo sozinha. Carlos não era antropólogo

ou estudante de Antropologia, portanto não tinha o mesmo olhar que eu estava desenvolvendo – e que Luciana já possuía através de anos de experiência. Por essa razão, não me vi confiante em deixar tudo nas mãos dele. Naquela altura, eu já estava pegando o gosto pela correria e mesmo pelo cansaço.

Assim, a partir do dia 26, me vi acompanhada apenas por Carlos no prosseguimento das gravações. Luciana me deixou uma lista de informações que ainda faltavam e de pessoas ainda por entrevistar. Com sua ausência, precisei deixar minha insegurança de lado e assumir a liderança em nosso trabalho. Com diversas tarefas ainda não executadas e as partes mais marcantes da festa ainda para acontecer, acabei por tomar o lugar de Luciana. Embora estar atrás de uma câmera fosse muito mais cômodo, não era o que a atual situação exigia de mim.

Para executar bem o meu novo papel, precisei afastar-me das fotografias e me dedicar mais na manutenção de meu relacionamento com a família Castro e com os foliões de São Benedito. Precisei me abrir mais para que eles se sentissem confortáveis comigo e fossem, conseqüentemente, mais abertos também. Precisei fazer parecer que eu sabia o que estava fazendo, mesmo que, na maior parte das vezes, eu não fizesse ideia. Pareceu-me como uma peça de teatro, onde tive de fazer uma boa performance no papel que me dispus a interpretar.

Acredito ter me saído muito bem. Não tardou para, mais uma vez, ter minha imagem alterada diante dos pesquisados em campo. Deixei de ser a assistente do cinegrafista. Alguns dos foliões até mesmo chegaram a me chamar de “professora”. Um tanto cômico, considerando meus 18 anos e a timidez e insegurança que eu havia demonstrado dias antes. Quando os corriji, dizendo que, na verdade, professora era aquela que já havia ido embora, disseram-me “Não, você é professora pra nós também”.

Confesso que, apesar de achar engraçado, me senti uma farsa, pois a verdade é que eu nunca tinha certeza se estava fazendo tudo de forma certa ou não, e, portanto, não merecia ser chamada daquela forma. Percebo agora que, a partir do momento em que assumi a liderança da nas filmagens, eles passaram a me ver como viam Luciana: uma pesquisadora. Várias informações passaram a chegar até mim sem que eu precisasse ir atrás. Pessoas com as quais tive pouco contato buscavam formas de conversar comigo no intuito de acrescentar algo. Numa das entrevistas, senti-me profundamente surpresa e um tanto desconfortável quando o entrevistado, um homem com seus 60 anos, passou a me tratar por “senhora”.

É claro que os festeiros não estavam se esforçando para nos ajudar apenas porque parecíamos sérios e profissionais, mas porque estavam profundamente entusiasmados com o documentário acerca de uma tradição secular familiar da qual eles se orgulham em fazer parte.

É sua história. Assim, as informações sobre a festividade foram construídas em conjunto com seus participantes. Todo o material foi produzido através da interação de ambas as partes – pesquisadores e pesquisados.

Foram também os participantes da festividade que nos mostraram os rumos da pesquisa e das filmagens. Foram eles que nos apontaram eventos significativos e seus significados, a depender do ponto de vista. A festa do gambá é sobre a família Castro e seus foliões, sobre seus relacionamentos entre si por intermédio de São Benedito, sobre o toque de seus tambores, o canto e a dança. Não poderíamos, portanto, traçar um roteiro focado no santo sob a perspectiva da instituição Igreja. E isso foi o campo que nos mostrou. No fim, para eles, não éramos apenas forasteiros buscando conhecer suas tradições. Nós éramos aqueles que estavam ali para cumprir o propósito de ajudá-los a registrar e disseminar um importante aspecto cultural de seu município.

Nosso documentário seria o registro de uma ação cultural que, segundo vários participantes, estaria “se perdendo”. Não que a festa do gambá estivesse deixando de existir, mas estava “perdendo” vários de seus aspectos com o passar do tempo, e “perdendo” também pessoas importantes na trajetória da festividade, em função de sua idade avançada e de doenças. De 20 anos atrás até os dias de hoje, os Castros contaram que mesmo o toque dos tambores está diferente. Considerando os vários entraves já enfrentados ao longo dos anos para a reprodução da festividade, a saudade pelo antigo me parece justificável, dados os sentimentos que a família Castro nutre em relação a seu passado com a festa. Desse modo, tanto quanto estávamos interessados no evento para fins acadêmicos, os mantenedores da festividade também desejavam o registro dessa memória. Podíamos não ter as mesmas motivações mas, decerto, tínhamos o mesmo objetivo.

### **3 DESCRIÇÃO DA FESTA**

Na região do Baixo Amazonas denomina-se gambá um conjunto de expressões musicais constituídas em torno de tradições afro-ameríndias envolvendo o toque ritualístico de três tambores feitos de tronco de madeira e pele de animal. Não há consenso em torno do nome gambá, mas Ávila (2016, p. 153) atribui origem indígena ao termo, já que, em tupi, gambá significa “peito oco”, da mesma forma que ocos são os tambores utilizados nessa forma de expressão. Considerando-se variações locais, o toque dos tambores pode ser acompanhado por outros instrumentos de percussão – como ocorre em Almeirim, por exemplo. É comum a entoação simultânea de folias laudatórias aos santos, bem como a execução de músicas para dançar, embora as coreografias possam variar.

Neste capítulo abordo a festa de São Benedito de Almeirim, produzindo uma descrição etnográfica a partir da observação direta da festa de 2017, complementada por informações obtidas em outras oportunidades de trabalho de campo, fora do ciclo festivo. Primeiro, faço um breve histórico da festa. Em seguida, os ritos, personagens e objetos rituais que integram e dão substância a esse ciclo são apresentados e ilustrados por meio de fotografias que produzi em campo.

#### **3.1 Breve histórico da festa de São Benedito de Almeirim**

As festas de santo da Amazônia se constituem enquanto práticas culturais festivas realizadas por populações mestiças ou “caboclas”, contando com supostas influências indígenas, africanas e europeias (BRAGA, 2007). Mas para além de uma prática festiva dos devotos do santo no município de Almeirim, a festa de São Benedito consiste em uma tradição familiar que remonta a, aproximadamente, 145 anos (COSTA, 2006; SANTOS, 2010). A imprecisão quanto à data de início da festa na localidade se deve à carência de registros históricos e documentais de sua ocorrência, obrigando o recurso à memória coletiva para reconstruir sua trajetória.

Como a memória coletiva é acessada por intermédio de memórias individuais, limitadas no que tange à profundidade temporal, recorre-se a uma diversidade de fontes – motivo pelo qual a técnica da entrevista foi largamente utilizada – para reconstituir a malha do passado, visto a partir do presente. Segundo Halbwachs (1990), a memória individual remete necessariamente a experiências em sociedade e à memória coletiva, mas não se confunde com ela, porquanto depende de uma consciência individual cujas lembranças se projetam em

quadros sociais, comunicando-se com as memórias coletivas. De acordo com o autor, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Com essa ressalva, admite-se que a principal fonte de informações sobre a festa de São Benedito em Almeirim é a família Castro, a cujo patriarca, natural de Gurupá, se atribui a introdução dessa forma de expressão em Almeirim. Atualmente, a geração da família que comanda a festa é formada pelas irmãs Orcina Castro, Elvira Castro, Jovelina Castro e Maria José Castro. De doze irmãos, entre homens e mulheres, apenas elas permanecem vivas.

Segundo elas, foi um tio-avô que levou a festa do gambá para a região: João Felipe Gomes. Ele era proveniente de Gurupá, onde a festividade já era realizada, e passou a promovê-la em Almeirim depois que começou a trabalhar para o coronel José Júlio de Andrade, considerado o maior latifundiário da região da primeira metade do século XX. Com a morte de Gomes, a festa foi assumida por seu sobrinho Eugênio Felipe Gomes, e, depois, por seu filho, Pedro Brazão (FESTIVIDADE, 2018). Só em 1957 a festividade passou a ser responsabilidade direta da família Castro, na pessoa de Raimundo Castro da Fonseca (COSTA, 2006).

Por volta de 1960, a festividade foi interrompida por proibição da Igreja. Após um longo período sem assistência pastoral permanente, o povo católico de Almeirim passou a contar com a presença frequente da Igreja a partir de 1959, com a chegada e residência do Frei Constâncio (COSTA, 2006). Este, associando o toque dos tambores à “macumba”, decretou a interrupção da festividade, que se estendeu por aproximadamente cinco anos. Após este período, a festa, realizada em Arumanduba desde que João Gomes era seu responsável, passou a ser executada então na antiga casa da família Castro, localizada na boca do rio Paru, na margem esquerda.

No final da década de 1990, por ocasião da morte de Raimundo Castro, os familiares, de luto, interromperam mais uma vez o ciclo anual da celebração. O falecimento de Raimundo Castro representou uma perda sensível para o conjunto que executava o gambá em homenagem a São Benedito. Detentor dos conhecimentos musicais e ritualísticos dessa forma de expressão, ele liderava o conjunto e mantinha sua afinação. Como poucos descendentes, sobretudo do sexo masculino, tinham se engajado no grupo, foi necessário incluir novos membros que não faziam parte da família. Foi nesse momento que jovens integrantes de um grupo musical local, chamado Asa Branca, passaram a integrar o gambá da família Castro.

Isso faz cerca de vinte e três anos, vinte e poucos anos atrás... nós montamos na escola um grupo chamado Asa Branca, que tocava o gambá. A gente estudava junto com o filho do seu Nonato Castro e montamos o grupo pra tocar na festa da escola. Naquele momento de fazer o xote, quadrilha, carimbó, [...] a gente perguntou “por que não, ao invés da gente tocar carimbó, xote... bora dançar o gambá, bora montar um grupo de gambá”. A gente iria só gravar pra dançar, mas aí o seu Nonato se disponibilizou a

nos ensinar e cedeu os tambores, os tambores que são usados hoje, porque a dificuldade é que nós não tínhamos os instrumentos. Então ele cedeu, [...], nos ensinou. E então a gente começou a tocar também. (Wardson Mendes, procurador do grupo dos foliões)

Desde a morte de Raimundo, a festa passou a ser realizada em definitivo na sede municipal de Almeirim, onde a família reside no presente.

### **3.2 Organização e hierarquia da festa**

Junto de amigos e parentes, os Castros mantêm um grupo responsável pela continuação dos ritos do gambá durante as festividades de São Benedito, que se estendem por dez dias seguidos na cidade e em comunidades rurais próximas à sede municipal. Tal grupo abrange, atualmente, cerca de quarenta integrantes: os foliões da Irmandade de São Benedito, todos do sexo masculino, e dançarinos do Grupo Folclórico Herança de Meu Pai – nomeado em homenagem a Raimundo Castro –, de ambos os sexos.

Embora indivíduos que não pertençam ao grupo possam fruir o gambá – cantando, dançando ou acompanhando-o –, a prerrogativa de iniciar, conduzir e encerrar esse ritual de canto e dança é dos foliões, a cujas ordens os dançarinos obedecem ritualmente. A eles é reservado o manuseio dos instrumentos musicais e dos objetos ritualísticos, assim como a responsabilidade de dar o suporte necessário à realização de todos os ritos da festividade.

Fazer parte da Irmandade de São Benedito é uma função de fé e devoção alicerçada na noção de milagre, de modo semelhante ao que constatou Dedival Silva (1997) em relação às devoções beneditinas em Bragança. Segundo esse autor, no caso bragantino, os atributos da Irmandade são mediados pelos sentidos da noção de milagre, que está na base do processo de formação de identidade dos irmãos, que fazem pedidos e promessas para São Benedito, recebendo a sua graça: “[...] logo, trata-se de um santo milagroso, que ‘traz o milagre na mão’, que entende o sofrimento dos fiéis [...]. Assim, o que permite o devoto se intitular como ‘irmão de São Benedito’ é o sentido de identificação que ele assume com o santo” (SILVA, 1997, p. 266-267).

Em Almeirim, a Irmandade de São Benedito, além de manter a tradição do gambá, atua como uma espécie de guarda do santo, acompanhando e protegendo sua imagem em procissões e visitas, ou até mesmo representando-a em eventos aos quais ela não é carregada, a exemplos dos almoços e jantares rituais. A Irmandade tem uma hierarquia particular, com

encargos específicos, por vezes relacionados a determinados instrumentos e objetos rituais, como se pode observar nas atribuições dos foliões, abaixo apresentados.

*Mantenedor*: é aquele que coordena os foliões, sendo responsável pela harmonia do grupo na execução das atividades rituais e ritual-musicais. Hierarquicamente, está acima dos mestres-salas. Diferenciando-se dos demais, ele usa sobre os ombros uma estola colorida. Em 2017, o cargo era de Euclides Castro da Fonseca (Quidó), afilhado de Raimundo Castro e por ele criado como filho.

Ao mantenedor também cabe a prerrogativa de aplicar sanções aos foliões quando estes cometem erros passíveis de punição. Tais sanções possuem o intuito de, além de punir, expiar as infrações cometidas. Tal expiação é obtida através da *pedra*, durante a *estação*. A pedra mede aproximadamente 20x25cm, possuindo um lado plano e o outro cheio de sulcos e pontas afiadas, que podem machucar caso não seja manuseada com cuidado.

Durante as procissões, por exemplo, o grupo está proibido de beber água, já que estão vestidos com as opas, mas caso alguém o faça, deverá “ir para a pedra” – ser punido e expiado. Outra proibição importante diz respeito ao consumo de álcool durante o período da festividade – o que caracteriza falta grave. O tempo necessário na estação é decidido pelo mantenedor, dependendo da infração cometida.

Na estação, o folião a ser punido ajoelha-se em frente a São Benedito, em cima da pedra, e reza pelo tempo determinado pelo mantenedor. Assim que o faltante de ajoelha, os alferes cruzam as bandeiras atrás dele, mantendo-o fechado na estação. Em 2017, uma punição foi realizada no último dia da festividade, dentro da igreja, após a missa ser finalizada. Tal punição se deu porque o folião em questão não honrou com seus compromissos enquanto membro da Irmandade de São Benedito, estando ausente nos primeiros dias da festividade sem justificativa.

**Imagem 1** – Elvira Castro segurando a pedra usada para punição e expiação de foliões.



Fonte: Fotografia retirada do filme “Os Castros vêm tocar: fé e festa para São Benedito”. Disponível em: <https://youtu.be/nf6AWA58fCE>.

*Mestre-sala*: na hierarquia ritual, o mestre-sala está logo abaixo do mantenedor, e uma de suas funções é a de introduzir os cantos rituais que são acompanhados pelo toque dos tambores e estão entre os principais elementos da festa. Em 2017, essa posição era dividida entre duas pessoas: Alvim França do Amaral e José Barroso Damasceno. Os mestres-salas, nas execuções do gambá, tocam um raspador, também chamado reco-reco ou reque-reque. Esses instrumentos são confeccionados em taboca e possuem pequenas incisões regulares, nas quais se fricciona uma espécie de faca, também de madeira, para a produção do som de raspar.

*Alferes*: o primeiro alferes, Wilson Davi de Azevedo, e o segundo alferes, Raimundo de Assis Fonseca, carregam as duas bandeiras que guiam a Irmandade de São Benedito durante as procissões, caminhadas e visitas a casas de devotos. As bandeiras são confeccionadas com hastes de madeira e tecido, onde estão pintadas imagens do santo.

*Labardeiro*: em número de dois, esses personagens são também referidos como sargentos de São Benedito e carregam, cada um, uma labarda, objeto semelhante a uma lança, com cabo de madeira e ponteira de bronze. As duas labardas são usadas, assim como as bandeiras, em quase todos os momentos rituais para a proteção da imagem do santo do qual formam a guarda. Em 2017, Benedito de Souza e Samuel Silva eram os albardeiros do grupo.

*Batuqueiros*: é em torno deles que a música e a dança do gambá se desenrolam. Cada batuqueiro toca um dos três tambores herdados dos antigos Castros que comandaram a

Irmandade do São Benedito: Resposta, que é o tambor maior; Baixo, o tambor médio; e Tamborine, o menor dos três. Objetos sagrados para o grupo, os tambores são feitos de madeira e pele de animal, e ficam guardados na casa das irmãs Castro. Quando os batuqueiros os tocam, não podem desviar a atenção, nem mesmo beber água. Em 2017, os batuqueiros eram, respectivamente: Ernestor Ramos da Fonseca, Anízio da Fonseca Barbosa, e Pedro Brazão de Abreu.

*Semeadores*: compõem o conjunto musical, tocando um instrumento homônimo, que também é conhecido como xeque-xeque ou milho. Feitos de taboca, assim como os raspadores, diferem desses por serem ocos e preenchidos, no interior, com sementes de milho e/ou pedrinhas que se chocam quando os instrumentos são chacoalhados. Os semeadores, em 2017, eram: Yago Ryan da Fonseca, Benedito Cosmo Queiroz e Manuel Damião Queiroz.

Além dos supracitados, contribuem no conjunto os foliões de apoio que fazem o coro das músicas e auxiliam na realização de todas as etapas da festa.

Sem ocupar posições ritualísticas, mas responsabilizando-se por atividades fundamentais para o bom andamento da festividade de São Benedito em Almeirim, há um grupo que atua muito próximo das irmãs Castros e é reconhecido como parte da Coordenação da Festa. Esse pequeno grupo é composto por: um conselheiro, um coordenador e um procurador. Trata-se de cargos de caráter mais administrativo, correspondentes a funções diferentes, mas que, em geral, se confundem a ponto de os três dividirem as tarefas entre si.

*Conselheiro*: junto do coordenador e o procurador, o conselheiro do grupo é responsável pela organização dos aspectos mais técnicos para execução das atividades rituais da celebração, da logística. Como, por exemplo, providenciar equipamentos de som para as procissões, transporte para os foliões quando há a necessidade da locomoção (como nas transladações para as comunidade fora da sede municipal), entre outros. O conselheiro, na ocasião, era Carlos Roberto Monteiro (Robertão), falecido em dezembro do mesmo ano.

*Coordenador*: assim como o procurador e o conselheiro, a função do coordenador é buscar os melhores meios para a manutenção dos aspectos de ordem técnica da festa, para que não haja empecilhos durante a execução das etapas rituais. A posição de coordenador, no ano de 2017, era ocupada pelo folião Luiz Alberto Alves (Luizão).

*Procurador*: como dito anteriormente, o ocupante deste cargo trabalha em parceria com o conselheiro e o coordenador, buscando as melhores formas de viabilizar logisticamente a execução da festividade a cada novo momento ritual, desde a alvorada, passando pelas

transladações e meia lua, até a derruba do mastro, no último dia. Wardson Mendes foi o procurador naquele ano.

### 3.3 Ciclo festivo

A festa inicia-se com a Alvorada, em 21/06, onde os foliões, às cinco horas da manhã, amontoam-se na carroceria de uma caminhonete e saem percorrendo as ruas da cidade, gritando e buzinando, fazendo bastante barulho para anunciar o início da festividade e chamar a todos para participar dos festejam que estão por vir. No entanto, é somente após o levantamento do mastro que o período de culto ao santo efetivamente começa – mesmo que, em verdade, esse início se dê antes, com a Alvorada e a tirada e ornamentação do mastro.

O mastro é tradicionalmente tirado na comunidade do Bananal, no rio Paru, sob a responsabilidade, desde 2004, de Ademair Sarges, que conta com um grupo de familiares composto por seis homens (incluindo ele próprio), entre filhos, sobrinhos e genros. A madeira, *morototó*, por ser firme e macia, facilita o corte e a derruba. É também no Bananal que são colhidas as folhas de palmeiras para ornamentar o mastro. Ambos são trazidos para a sede municipal de Almeirim numa embarcação de madeira, normalmente no dia anterior à alvorada, logo pela manhã, sendo recebidos com fogos de artifício pelos foliões.

**Imagem 2** – Foliões soltando fogos de artifício conforme a embarcação de Ademair Sarges se aproxima.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

**Imagem 3** – Folião retirando folhas de palmeira da embarcação.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

**Imagem 4** – Foliões retirando o tronco de morototó da embarcação.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

A ornamentação ocorre no barracão improvisado ao lado da Igreja. O tronco é envolto nas folhas de palmeiras até estar completamente coberto. Após, vários longos pedaços de cana-de-açúcar são também amarrados, sendo seguidos por diversos tipos de frutas – abacaxis,

melões, mamões, palmas de bananas, maracujás, laranjas, cocos, macaxeiras –, agrupadas em pequenos sacos e penduradas ao longo do mastro.

**Imagem 5** – Foliões e juízes ornamentando o mastro.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

Todos os ornamentos são providenciados pelos juízes-do-mastro. Moacir Cardoso, por exemplo, foi um dos juízes-do-mastro em 2017, junto de seu filho, Robson Cardoso. Juntos, ambos compraram diversas frutas para doar para o mastro. Apenas a cana-de-açúcar e as laranjas saíram do próprio quintal da família. Os juízes também são contribuintes em outros espaços da festa, como na compra de fogos de artifício para os diferentes momentos, tirando do próprio bolso, chegando a gastar mais de R\$300,00 apenas com os fogos. Eles atuam como apoio para o grupo dos foliões, ajudando e contribuindo onde quer que sejam necessários; quem determina suas funções é o procurador, junto ao coordenador e ao conselheiro.

O levantamento do mastro, um dos principais símbolos da festividade, ocorre na tarde do dia 21/06. O evento é precedido por uma procissão que se inicia da Comunidade São Benedito, em frente à casa da família Castro, até a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, onde o estandarte – com uma pomba em cima simbolizando a paz – que será preso ao mastro é exibido. Ao chegar em frente à igreja, o ritual de levantamento do mastro teve seu início.

Do lado esquerdo, na frente da igreja, os preparativos já se encontram prontos; o buraco já cavado e o mastro já com as cordas amarradas para auxiliar no levantamento. Nesse momento, após prender o estandarte no topo do mastro, os foliões se organizam com os alferes

à frente, agitando as bandeiras em movimentos fluidos e espaçosos; seguidos pelos sargentos, na função de proteger o santo; quatro foliões carregando o andor; os músicos, com os mestres-salas na frente, seguidos por dois batuqueiros, com os semeadores logo atrás.

**Imagem 6** – Mantenedor prendendo estandarte no topo do mastro.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

Para a ocasião, os foliões vestem-se com as *opas* – roupas específicas usadas pelos membros da Irmandade de São Benedito durante os rituais considerados religiosos (como as procissões e missas nas quais estão presentes) e durante os agradecimentos nos almoços e jantares ofertados a eles. As *opas* assemelham-se à capas: amarradas no pescoço e caindo dos ombros pelas costas até os quadris. São brancas e possuem um babado nos ombros, na cor azul – que posteriormente é trocado pela cor verde. As *opas* que possuem o babado verde são utilizadas nos últimos dias da festa, substituindo as que possuem o detalhe em azul.

O grupo musical inicia o canto e as batidas e, juntos, começam a andar ao redor do mastro deitado, totalizando três voltas no sentido horário antes que o mastro possa ser efetivamente erguido. Em momentos de rituais religiosos como este, com a presença do santo, apenas dois tambores são utilizados – Baixo e Tamborine –. O tambor maior, Reposta, é utilizado somente para o toque do gambá.

Vários devotos se põem atrás da Irmandade para caminhar junto deles, e vários outros apenas se posicionam ao redor para observar. São três voltas com os alferes agitando as bandeiras sem parar e os músicos tocando e cantando sem pausas também. Completado o

circuito, o toque o canto cessam, e vários homens se posicionam junto às cordas, enquanto outros vão para a ponta dar o impulso. Uns empurram para cima, e outros, com as cordas, puxam.

**Imagem 7** – Alfereses agitando as bandeiras com os demais foliões e devotos ao fundo, completando as três voltas ao redor do mastro.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo.

**Imagem 8** – Foliões e devotos erguendo o mastro.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

Este é um momento de grande tensão e expectativa, é o momento em que o mastro é erguido com toda sua fartura, exibindo um estandarte com a imagem do santo, e também a pequena pombinha em cima deste último, pombinha esta que aponta para onde está o juiz ou juíza-do-mastro do ano vindouro. Como os juízes-do mastro não compõem o grupo dos foliões, as mulheres também podem ser juízas. Quando o mastro é derrubado no último dia da festa, aqueles que pegarem o estandarte e não o soltarem durante a comoção serão os juízes e juízas do próximo ano.

**Imagem 9** – Estandarte preso no topo do mastro, com a pomba em cima.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

Depois de erguido, as mesmas três voltas são feitas novamente, totalizando seis: três antes do levantamento do mastro, e três depois. Com o levantamento do mastro, a festividade de São Benedito está oficialmente iniciada, junto à suspensões de papéis até então assumidos. Agora, uma nova ordem se estabelece, ao menos para os foliões da Irmandade de São Benedito. Eles não mais trabalham nos empregos do cotidiano, e não mais executam as mesmas atividades. Mesmo seu propósito e prioridades se alteram durante a suspensão de papéis sociais proporcionada pelo período da festividade. Agora, eles são os foliões do santo. São a sua guarda, e existem e trabalham somente para, e em prol, (d)ele. Mesmo as bebidas alcoólicas estão proibidas a eles, até que o mastro seja derrubado nove dias depois. Aquele que ir de encontro às regras do grupo está passível de punição, a ser decidida pelo mantenedor.

Após a abertura oficial da festa, há uma pausa na agitação, utilizada para ensaios e preparação para as transladações a serem realizadas nos próximos dias. Em 2017, as transladações foram feitas para as seguintes comunidades e distritos do entorno da sede municipal: Jaburú, Retiro de São Benedito, Nova Arumanduba, e Vila Barros. Apenas em Nova Arumanduba, por ser mais distante, os foliões pernoveram junto a imagem de São Benedito. Em cada transladação, sempre há oferta de refeições aos foliões, sempre há, por conseguinte, o canto, a dança, e o toque do gambá.

Terminadas as transladações, nos últimos dias da festa, realizam-se os maiores eventos. No dia 28/06 ocorre a Meia Lua, uma procissão fluvial caracterizada por três voltas na frente da cidade, partindo do porto. O santo e os foliões ocupam uma balsa específica para eles, junto aos membros da igreja – padres, ministros e coroinhas –, com abertura para os devotos que chegarem cedo. Os demais devotos amontoam-se em outras embarcações, barcos e lanchas, que os donos disponibilizam justamente para a Meia Lua. Sem mais espaço, aqueles que não conseguem participar observam da frente da cidade.

**Imagem 10** – Devotos na balsa aguardando a chegada da imagem de São Benedito para dar início à Meia Lua.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

**Imagem 11** – Barcos e lanchas durante a Meia Lua, seguindo ao e atrás da balsa que leva a imagem do santo.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

A Meia Lua e a procissão do penúltimo dia de festa são, de longe, os eventos que mais reúnem pessoas. Durante as três voltas, os alferes posicionam-se um em cada ponta da balsa, na frente, e, a cada vez que uma volta é completada e eles passam na frente da cidade, ambos balançam suas bandeiras com vigor, até mesmo girando-as. Ao mesmo tempo, os foliões erguem o andor e o viram para a frente da cidade, para que todos lá o vejam, e os músicos cantam e tocam. Em suas pausas, um membro da igreja narra a história de São Benedito com o auxílio de um microfone. Concluída a Meia Lua, grande parte das pessoas se dispersa e os que ficam se dirigem à igreja, numa pequena procissão a pé, para a missa a ser realizada.

**Imagem 12** – Alferes balançando a bandeira após uma volta completa em frente à cidade.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

**Imagem 13** – Foliões erguendo o andor para virá-lo para a frente da cidade.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

**Imagem 14** – Músicos se preparando para tocar e cantar a cada volta completada.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

No penúltimo dia, o dia após a Meia Lua, é realizada a procissão de São Benedito na cidade. Reunindo centenas de pessoas, a procissão parte da igreja de Nossa Senhora da Conceição, percorre as principais ruas da cidade, fazendo uma parada para a imagem do santo visitar o hospital da cidade, e então retorna ao ponto de partida. Por conta do grande número de pessoas, a missa nesse dia é realizada do lado de fora da igreja, ao lado. Com o pequeno trecho da rua fechado desde o início da festividade, um palco é montado, e várias cadeiras e mesas são dispostas na área, com um espaço aberto para apresentações. A procissão marca o final do arraial. E a festividade encerra-se totalmente no dia seguinte, com a derruba do mastro pela manhã.

**Imagem 15** – Membros da Igreja, foliões e demais devotos no início da procissão.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

Para a derrubada do mastro, segue-se o mesmo ritual feito ao erguê-lo. As mesmas seis voltas, três antes de derrubá-lo e três depois. A diferença reside na sucessão de acontecimentos após a derruba. Quando o mastro está caindo, as pessoas correm logo em sua direção, segurando-o antes mesmo que chegue ao chão, arrancando as frutas ou buscando o estandarte, para se tornar juiz/juíza na próxima festa. Nas três voltas finais, as pessoas que estão segurando o estandarte se posicionam logo atrás dos músicos e antes dos demais devotos. Para derrubar o mastro, também, uma fila é feita, e cada pessoa tem direito a dar uma machadada no tronco, deixando o machado preso nele para o próximo pegar. A pessoa deve continuar golpeando até que ele prenda ou até que o mastro caia. Tanto as frutas quanto o mastro em si se tornam bentos após os nove dias erguidos em frente à igreja.

**Imagem 16** – Devoto alcançando o cabo do machado na sua vez de golpear o mastro.



Fonte: Fotografia retirada do filme “Os Castros vêm tocar: fé e festa para São Benedito”. Disponível em: <https://youtu.be/nf6AWA58fCE>.

**Imagem 17** – Devotos se aglutinando embaixo da mastro para pegar frutas ou segurar o estandarte.



Fonte: Fotografia retirada do filme “Os Castros vêm tocar: fé e festa para São Benedito”. Disponível em: <https://youtu.be/nf6AWA58fCE>.

Depois, é realizada a última missa para São Benedito, na qual são entoadas as ladainhas pelo Segundo Mestre Sala do grupo dos foliões, o único do grupo que as conhece, com o auxílio

de Elvira Castro, membro da família que introduziu o Gambá em Almeirim. No final da missa, alguns foliões e outros devotos carregam o mastro e o levam para a casa onde será mantido, abençoando o lugar e as pessoas do entorno. Lá, o anfitrião oferta o último almoço, e o Gambá é tocado e dançado pela última vez.

**Imagem 18** – José Barroso Damasceno, mestre-sala, entoando a ladainha.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

**Imagem 19** – Foliões carregando o mastro para a casa de João Câncio, devoto que abrigou o mastro em 2017.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

**Imagem 20** – Músicos tocando o gambá ao fim da festividade.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

Inicia-se, então, um tipo diferente de festa, que não mais é limitada pelas regras da Irmandade do santo. As bebidas alcoólicas, antes proibidas, passam a ser liberadas. A derruba do mastro implica a suspensão das regras impostas aos foliões. Há até mesmo uma bebida preparada especialmente para o fim da festividade: *pau-na-coxa*, feita com vinho, limão e açúcar. Além de *pau-na-coxa*, há muita cerveja e vodka. Também são tocadas e dançadas, até o anoitecer, diversas músicas que escapam ao ritmo do gambá. É uma festa de despedida, de gratificação pelo trabalho duro de todos os envolvidos.

## 4 O CIRCUITO DE TROCAS DO GAMBÁ NAS REFEIÇÕES OFERTADAS A SÃO BENEDITO

Neste capítulo procuro levantar questões e analisar o aspecto das trocas ritualizadas de comida, canto e dança nos almoços e jantares ofertados em louvor a São Benedito.

### 4.1 Canto e dança do gambá

A musicalidade característica do gambá executado em Almeirim é dada pelo som dos instrumentos percussivos e pelo canto dos foliões. As letras das músicas cantadas atualmente são produtos da transmissão da memória dos Castros, assim como ocorre entre os mestres gambazeiros em Maués (ÁVILA, 2016). Algumas, inclusive as mais recentes, são de autoria do falecido Raimundo Castro; outras, não se lembra ao certo qual familiar as concebeu; e ainda há aquelas de cuja composição nada se sabe. De qualquer maneira, porém, elas são um tipo de herança que percorre várias gerações da família Castro.

Analisar tais composições, por si só, daria uma pesquisa extensa, na qual poderiam ser explorados aspectos como os modos de pensar, de conceber a realidade, as narrativas, e o modo de passá-las adiante. Este não é, contudo, o propósito deste trabalho. Ávila (2016) fez algo nesse sentido, estudando a transmissão da memória a partir das letras das cantigas do gambá de Maués. Ele descreve processos em que criações coletivas são individualmente apropriadas, e os indivíduos, em toda sua particularidade, atuam sobre elas e então as retransmitem novamente para o coletivo, caracterizando, sobretudo, “formas de sentir, pensar e acreditar compartilhadas de forma grupal” (ÁVILA, 2016).

Ao reproduzirem continuamente as tradições do grupo, [os mestres] atualizam a memória coletiva e as representações que lhes formam a base. Produzem com seus cantos, festas, melodias e narrativas (sejam sagradas ou profanas) a Comunidade de Pensamento (ÁVILA, 2016, p. 131).

Ao contrário do que se passa em Almeirim, Ávila (2016) assinalou que, no âmbito desses processos de transmissão, em Maués, os cantos se alteram de acordo com os “mestres de gambá” – assim são considerados todos aqueles que tocam e cantam o gambá, os gambazeiros. O autor mostra que processos de improvisação são inerentes à disputa de versos entre eles, resultando numa reinvenção constante das cantigas de gambá (ÁVILA, 2016).

Em Almeirim, como demonstrado no capítulo anterior, não há “mestres de gambá”, mas foliões – como todos se declaram, embora ocupem posições hierarquicamente distribuídas. Dentre esses foliões, em 2017, haviam dois mestres-salas, que iniciavam os cantos. Os mestres-

salas são sempre as primeiras vozes, seguidos pelo coro uníssono dos demais foliões. Novamente, apresenta-se uma distinção em relação ao gambá de Maués, onde as “cantigas” são cantadas em coro, primeiras, segundas, terceiras vozes, ou mais (ÁVILA, 2016).

Outra diferença que se insinua entre as formas de executar o gambá em Almeirim e em Maués é que, nesta última localidade, a dança não se apresenta como um elemento fundamentalmente importante da (re)produção do gambá. Segundo Ávila (2016, p. 117), o aspecto emocional se resume à relação do corpo do músico e seu instrumento. Entretanto, mais adiante, ele constata que se “não há gente no salão o gambá para de tocar. Se houver dançarinos animados os mestres vão até de manhã tocando. Sem a dança, em pouco tempo se aborrecem” (ÁVILA, 2016, p. 280).

Já em Almeirim, a variedade das danças tradicionalmente praticadas ao som do gambá parece ter se incorporado a ele. Mesmo quando se trata de músicas nomeadas por termos como xote e valsa, que aí adquirem ritmos diferenciados, diz-se que elas *também são* gambá. As irmãs Castro assumem os processos de mudança e incorporação de elementos, explicando que mesmo o toque dos tambores (objetos em torno dos quais toda a festa gira) sofreu alterações com o tempo, o que implicou mudanças no modo de sonorizar as músicas, alterando seus ritmos e, conseqüentemente, suas danças, espelhando o contexto no qual o gambá está sendo (re)produzido.

Feitas essas considerações gerais, passo a comentar o circuito de trocas de comida, canto e dança no gambá praticado para São Benedito em Almeirim.

#### **4.2 As trocas rituais do gambá**

Compartilhar a mesa, as refeições, é uma das formas mais reconhecidas de hospitalidade em todas as épocas e culturas, segundo Jean Jaccques Boutaud (2004). Boutaud apresenta dois níveis do ato de comer simbolicamente: o primeiro diz respeito à incorporação, à ingestão de valores ligados ao alimento, e o segundo tem a ver com o valor simbólico dos laços criados pelo alimento consumido em grupo.

A comensalidade, então, é uma forma de sociabilidade que tem o poder de criar e fortalecer relações. Mais do que isso, ela pode alterar o “eu” daquele que come junto, de aparentar. A comensalidade, dessa forma, se caracteriza também como criadora/transformadora da identidade (FAUSTO, 2002). Comendo com outra pessoa, na mesa dela, do modo que ela

come, o comensal estará se tornando como ela, assumindo a identidade do grupo no qual ela está inserida.

Se as identidades são explicitadas por meio da produção de diferenças, “comer como” faz tornar igual, portanto, portador da mesma identidade, parente. “Comer *como* alguém e *com* alguém é um forte vetor de identidade, assim como se abster por ou com alguém. As partilhas do alimento e do código culinário fabricam, portanto, pessoas da mesma espécie” (FAUSTO, 2002, p. 15, ênfases do autor).

Embora o compartilhamento de refeições seja frequente em inúmeras celebrações, entre as quais as festas de santo amazônicas, essa prática adquire um significado especial na festa de São Benedito. Creem os devotos que o santo era um escravo que cumpria função de cozinheiro e sempre distribuía comida para outros escravos na senzala, às escondidas. Um dia, o capataz, já desconfiado e pronto para puni-lo, viu que ele carregava uma cesta e perguntou-lhe o que havia dentro dela. São Benedito, que levava pães para doar, rezou a Deus e respondeu-lhe que eram flores. Quando o capataz olhou dentro da cesta, só viu flores.

Essa versão se relaciona com outra, contada na igreja, segundo a qual o santo era cozinheiro no Convento dos Capuchinhos, na Itália, e sempre distribuía comida aos pobres. Por esse motivo, São Benedito é largamente venerado como protetor dos cozinheiros e, em várias partes do Brasil, como protetor dos negros, sendo carinhosamente chamado por seus devotos de “meu pretinho”.

Na festa de Almeirim, a associação de São Benedito à fartura de alimento é marcante, exposta não somente na ornamentação do mastro. A cada dia de festa, mesas fartas e um tanto diversificadas de almoços e jantares são ofertadas ao santo por intermédio de seus foliões, membros da Irmandade de São Benedito. Essas refeições são previamente agendadas, e aqueles que desejam ofertá-las, normalmente como pagamento de promessas, combinam a programação com a família Castro, a Coordenação da Festa e a própria Irmandade.

Para quem as oferta, as refeições são grandes eventos para os quais se preparam com antecedência, já que demandam investimento financeiro,<sup>1</sup> tempo e mão-de-obra. A comida oferecida tem de ser a melhor, mesmo que se trate de pratos do dia a dia, à base de feijão, arroz, macarrão, farinha e carnes de boi, frango ou porco. Nesses casos, procura-se escolher as melhores carnes e marcas de alimentos não perecíveis, por exemplo. Há também um capricho nos pratos considerados típicos, como vatapá, galinha caipira e pato no tucupi, acompanhados,

---

<sup>1</sup> Entrevistas revelaram que o custo de uma refeição, em 2017, chegava até dois mil reais.

por vezes, de ingredientes consumidos com menos frequência, como cremes doces e frutas exógenas.

Além da boa qualidade, a comida deve ser farta, isto é, deve sobrar após o consumo de todos os foliões e demais convidados, podendo ser distribuída após o término do evento. Qualidade e fartura, portanto, são premissas a serem respeitadas, mesmo que as posses financeiras dos anfitriões sejam escassas: “Se é para São Benedito, a gente faz!”

Os preparativos na cozinha começam dois ou três dias antes do evento, e são feitos em família, normalmente sob responsabilidade das mulheres. Se um homem oferta a refeição, sua esposa reúne outras mulheres da família e, com auxílio delas, cuida de toda a preparação. Sendo ela própria a anfitriã, da mesma forma aciona outras mulheres da família para ajudar. À chegada dos foliões, a casa que os acolhe já deve estar toda preparada para o evento, com a mesa posta.

Em geral, os comensais são os foliões, a família Castro, parentes e amigos dos anfitriões. Ou seja, as refeições são momentos festivos relativamente restritos, controlados mediante convites individualizados, exceto no caso dos Castros e da Irmandade de São Benedito, que são aguardados independentemente de convite. Os primeiros a sentar à mesa e se servir são os membros da irmandade, em ordem dada pela hierarquia vigente entre os eles, apontada anteriormente – mantenedor, mestres-salas, alferes, labardeiros, batuqueiros, semeadores.

Após estarem fartos, os foliões levantam-se, colocam suas opas, pegam seus instrumentos e arrumam-se ao redor da mesa, de frente para as pessoas presentes. Os alferes e sargentos ficam cada um de um lado, e inicia-se, então, o canto de Agradecimento da Mesa, como retribuição pela comida ofertada. Trata-se de um canto demorado e choroso, com batidas ritmadas, fortes e profundas dos tambores, sendo seguidas pelos outros instrumentos.<sup>2</sup>

No refrão, os alferes e sargentos balançam suave e minimamente suas bandeiras e labardas, retornando ao lugar. Quando, por fim, o canto termina, os foliões retiram suas opas e guardam os instrumentos, marcando o fim do rito. É somente após este agradecimento que a segunda mesa de refeição é servida e todos os demais convivas podem comer.

---

<sup>2</sup> A letra da música pode ser consultada no Anexo A.

**Imagem 21** – Foliões entoando o canto de Agradecimento da Mesa, no Retiro de São Benedito.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

Quando todos estão fartos, os foliões ensejam uma despedida: “Bom, já vamos embora. Ninguém nos pediu para cantar”. Nesse momento, cabe ao anfitrião pedir que toquem o gambá, em alto e bom som para que todos escutem e reafirmem seu pedido. Muito embora esteja subentendido que o gambá será tocado após a refeição, a enunciação do pedido faz parte do rito e, por assim dizer, da performance do próprio grupo.

É dessa maneira, em resposta a uma forma de pedido ou cobrança ritualizada e performatizada, que o gambá é executado pelos foliões de São Benedito como uma espécie de retribuição aos anfitriões e dádiva aos comensais. Eles pegam novamente os instrumentos musicais, incluindo o tambor maior, Resposta, que não é usado no Agradecimento da Mesa, e iniciam os toques e cânticos, movimentando, primeiro, dançarinos e dançarinas do grupo, e em seguida, outros comensais, como consta em anotações de campo acerca da primeira refeição observada:

Três deles colocaram os tambores no chão, lado a lado, sobre uma ripa de madeira usada como suporte e sentaram-se em cima deles, enquanto os outros se dispuseram atrás e ao lado destes. Iniciaram-se as batidas dos tambores, com os milheiros e raspadores os acompanhando, junto das vozes dos homens. Passaram por ritmos marcados que lembravam o carimbó, com fortes pisadas num único pé [...]. Poucas pessoas começaram a dançar no início. Outras permaneceram ao redor, como se quisessem, mas estivessem tímidas demais para dançar, embora isso não as tenha segurado por muito tempo.

Já as danças que integram o gambá em Almeirim são, atualmente, quatro: a marandangueira; o xote; a valsa; e a desfeiteira. A primeira e a última são as que mais se destacam e animam os espectadores-participantes: a marandangueira porque consiste em uma encenação coreografada; e a desfeiteira, que é muito apreciada em diversos festejos populares na região do Baixo Amazonas (CARVALHO, 2016).

A “marandangueira”, geralmente designada “A pomba e o gavião”, canta em alguns de seus versos o embate entre esses dois animais, representados por um casal que dança no centro de uma roda formada pelos demais dançarinos, que se agacham e batem palmas, acompanhando o ritmo dos tambores. O par imita a perseguição de um gavião à uma pomba, representados respectivamente por uma mulher e um homem. Quando a mulher consegue pegar sua presa, a dança é interrompida.

Olha a pomba com o gavião, tá em demanda (bis)

Ei, olha a pomba, é a pomba e o gavião (bis)

A pomba com o gavião, tá em demanda (bis)

Refrão: Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandangueira (do mar)

Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandangueira do mar (bis)<sup>3</sup>

**Imagem 22** – Jovelina (Vita) Castro e Wilson de Azevedo, alferes, encenando o embate da pomba e o gavião após almoço ofertado na casa do mestre-sala Alvim Amaral, em 24/06/2017.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

<sup>3</sup> A letra completa encontra-se no Anexo B.

A desfeiteira também é dançada em pares, formando uma roda que vai girando até que a música seja interrompida. Nesse momento, o casal que estiver diante dos músicos deve recitar versos, um para o outro ou para o público. A roda gira novamente, até que outro casal pare na mesma posição e faça o mesmo. A dança encerra após todos terem tido sua vez de recitar versos. A dança tem esse nome porque, se algum dançante errar o verso, estará fazendo uma desfeita.

Adeus, querido papai (bis)  
E mamãe do coração  
Do papai quero conselho  
Da mamãe quero a benção (bis)

Refrão: Eu sou filho de papai (bis)  
E neto de meu avô  
/Por apelido me chamo  
Canarinho cantador/ (2x)

**Imagem 23** – Casal de dançarinos recitando versos da desfeiteira em 24/06/2017, na residência de Alvim Amaral, mestre-sala.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

A valsa é um ritmo mais lento, embora dado pelas batidas dos tambores, e também é dançada em pares, ao som de versos como:

Quero me casar com uma moça bonita  
Que seja bonita, me saiba tratar (bis)

Refrão: Se não for assim, me mande avisar  
Pelo contrário eu não quero casar

Dentes bem alvos, da cor de marfim  
Lábios corados da cor do carmim (bis)

Refrão

Que seja bem gorda, mas não barriguda  
Que pise macio e não se sacuda (bis)

**Imagem 24** – Convivas dançando a valsa na casa de Alvim Amaral, em 24/06/2017.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

O xote, por fim, pode ser dançado em pares soltos ou agarrados, com passadas ritmadas para os lados: dois passos para um lado e dois passos para o outro.

Passa pra cá  
 Passa pra lá  
 Passa pro coró  
 Não faça cara de choro  
 Que é pro povo não mangar

Refrão: Balança os cachos, Iaiá, dos teus cabelos, Iaiá  
 Não tenhas medo, Iaiá, de balançar (bis)<sup>4</sup>

**Imagem 25** – Convivas dançando o xote na casa de Alvim Amaral, em 24/06/2017.



Fonte: Acervo SACACA, Ufopa. Fotografia: Vanessa Figueiredo, 2017.

Embora indivíduos que não pertençam ao grupo possam fruir o gambá, seja cantando ou dançando, ou simplesmente acompanhando, é aos foliões, nos almoços e jantares da festa, que cabe a prerrogativa de iniciar, conduzir, e finalizar o ritual de canto e dança, com os dançarinos os respondendo ritualmente. Não há limite de tempo predeterminado para a execução do gambá após as refeições, mas assume-se tacitamente que os foliões não podem se exaurir porque cada dia de festa é pleno de atividades que requerem sua presença.

Com efeito, grande parte dos foliões, já idosos, esforçam-se bastante para honrar todos os compromissos em procissões, caminhadas, visitasões e missas, além dos almoços e jantares

<sup>4</sup> A letra completa encontra-se no Anexo C.

em que devem tocar. Contudo, a dança lhes serve como uma espécie de estímulo: quanto mais os anfitriões e comensais dançam, mais os foliões tocam, e melhor a refeição (almoço ou jantar) terá sido.

Não são tanto os ritmos em si que importam, mas o ato de dançar com os comensais que faz da festa boa ou ruim. Quanto mais pessoas dançam e quanto mais entusiasmadas o fazem, melhor a festa é. Quanto mais dançam, mais os foliões tocam, e melhor a refeição (almoço ou janta) terá sido. A partir disso, talvez a dança talvez seja sim um dos principais elementos na execução do gambá para São Benedito em Almeirim. É ela que vai determinar o sucesso das trocas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira hipótese em que pude pensar para explicar a circulação de comida, canto e dança na festa do gambá de Almeirim foi de que os devotos de São Benedito, por meio dos almoços e jantares da festa, aparentam-se entre si, criando e potencializando afetos ao mesmo tempo em que inibem os desafetos. No entanto, não pude esquecer que toda a comida é ofertada para o santo, como pagamento da promessa feita, do milagre alcançado. Sim, são os foliões que comem, mas eles comem representando o santo.

Com Silva (1997), foi visto que, na construção da identidade de “irmão de São Benedito”, os devotos se identificam com o santo e criam relações através dos milagres. Assim, as refeições da festa podem atuar como uma tentativa de aparentá-lo, no sentido de torná-lo mais humano em oposição ao seu caráter santo. Dessa forma, a identidade da Irmandade se solidifica, estando ainda mais próxima de São Benedito.

Logo, passei a pensar que a comensalidade atua da mesma forma descrita acima, estabelecendo vínculos entre as pessoas humanas que comem juntas, mas não se restringe a isso. E indaguei se, assim como revitaliza os laços de parentesco e fortalece os de afeto, a comensalidade também teria por função “aparentar” o santo.

Embora tratados de diferentes formas, parece correto que no contexto em que se encontram, os dons comida, canto e dança atuam como (re)produtores do rito de sociabilidade caracterizado pelas refeições da festa, estabelecendo relações entre os devotos e entre eles e São Benedito, e atuando, em interação, de diferentes formas. As refeições atualizam e potencializam relações de parentesco, filiação e amizade que deram início à história do gambá em Almeirim, através da reciprocidade, cuja premissa reside na obrigação em dar, receber e retribuir (MAUSS, 1974).

A partir de tudo o que foi exposto, um questionamento me veio à mente, evocando Robert Hertz (MENEZES, 2009) e sua pesquisa envolvendo São Besso. Chegou-se, nesse caso, à conclusão de que, o que ocorre durante a festa de culto a São Besso é, na verdade, uma adoração a um rochedo antigo que era sagrado antes do contato com o cristianismo e que, no final, se revelava como culto a um grupo social – o dos próprios devotos. Eis então a questão: e se, nessa busca para tornar São Benedito um igual, e então celebrar isso, os devotos participantes da festividade estejam na verdade celebrando a si mesmos, o seu grupo social?

Parece-me adequado investir nesta hipótese para futuras pesquisas. Os foliões de São Benedito, a família Castro e seus amigos próximos que ofertam as refeições celebram seus vínculos de amizade e parentesco por meio da imagem de São Benedito, um santo milagroso

que compreende suas angústias e intercede por eles, que os entende. O milagre do santo aproxima, estabelece uma relação entre ele e seus devotos, mas também dos devotos uns com os outros, por compartilharem uma crença. Essa relação então se transforma durante as refeições, em que o santo se aproxima ainda mais dos devotos, da identidade deles, de sua humanidade. Por meio dos almoços e jantares da festa, os devotos fortalecem seus vínculos e suspendem desafetos em prol do bem-estar coletivo.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Cristian P. **Os Argonautas do Baixo Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, 2016.

BRAGA, Sérgio I. G. Festas religiosas e populares na Amazônia: algumas considerações sobre cultura popular. In: BRAGA, Sérgio I. G. (Org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007.

BOUTAUD, Jean-Jacques. Commensalité: le partage de la table. In: MONTANDON, Alain. **Le livre de l'hospitalité**. Paris: Bayard, 2004, p. 1711-1737.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. Tradições devotas, lúdicas inovações: o sairé em múltiplas versões. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 237-259, abr. 2016.

COSTA, MARIA N. C. **Festividade de São Benedito em Almeirim – PA, 1955-1975**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, História, Belém, 2006.

FAUSTO, Carlos. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. **Mana**, v. 8, n. 2, p. 7-44, 2002.

FESTIVIDADE do Glorioso São Benedito de Almeirim: fé, tradição e cultura de um povo. **Caminho da Fé**, Almeirim, v. 1, n. 1, p. 18-20, jun. 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MENEZES, Renata de C. Celebrando São Besso ou O que Robert Hertz e a Escola Francesa de sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 179-199, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872009000100008&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000100008&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 14 jun. 2018.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé**. Manaus: Valer, 2008.

VAZ FILHO, Florêncio A. V. **A emergência étnica de povos indígenas no Baixo Tapajós, Amazônia**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, 2010.

VAZ FILHO. **Gambá de Pinhel**: resistência, reinvenção e identidade cultural no rio Tapajós. E Estado Net, Santarém (PA), p. 1-29, 02 jul. 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1YMODxnEcAIQ0lDW-ipzUAG-oiEodm6tw/view>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SANTOS, Raimundo N. dos. **A festa de São Benedito**. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/a-festa-de-sao-benedito/33107/>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SILVA, Dedival B. **Os tambores da esperança**: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola, 1997.

**ANEXO A – “AGRADECIMENTO DA MESA”**

Ê, ê, ê, ê, rá... ê, ê, ê, ê, rá...

A gente dá graças a deus, a que nos fez a  
esmola

Ê, ê, ê, ê, rá... ê, ê, ê, ê, rá...

Glorioso Benedito, que lhe dê o reino da  
glória

Ê, ê, ê, ê, rá... ê, ê, ê, ê, rá...

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

Esta mesa está adornada (bis)

Toda coberta com véu (bis)

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

Glorioso São Benedito (bis)

Ponha esta mesa no céu (bis)

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

Viva quem serviu a mesa (bis)

Quem deu água aos foliões (bis)

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

Terá os anjos por companhia (bis)

A glória e o céu por salvação (bis)

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

Agradecemos os devotos (bis)

Pelo almoço/janta que nos deu (bis)

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

Para o alimento do corpo (bis)

Seja pelo amor de Deus (bis)

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

Benzemos com a mão direita (bis)

Fizemos sinal da cruz (bis)

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

Pai, filho, Espírito Santo (bis)

Para sempre amém, Jesus (bis)

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ajoê, ajoê, ticumbê

Ticangorria não é comamê

## ANEXO B – “MARANDANGUEIRA”

Refrão: Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira  
(do mar)

Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira do mar  
(bis)

Ôh, que dia/noite tão alegre, como isso não  
tem igual

Glorioso Benedito alegrai o pessoal

Refrão: Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira  
(do mar)

Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira do mar  
(bis)

Salve cravo, salve rosa, salve a flor da  
Alexandrina, Jesus Cristo, rei da glória  
Filho da Virgem Maria

Refrão: Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira  
(do mar)

Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira do mar  
(bis)

Fala, fala pau de rosa, fala pra gente dançar  
É só por esse dia/noite que amanhã vai  
acabar

Refrão: Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira  
(do mar)

Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira do mar  
(bis)

Essa casa está bem feita por dentro, por fora  
não

Por dentro, cheiro de cravo, por fora,  
manjericão

Refrão: Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira  
(do mar)

Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira do mar  
(bis)

Vira, vira, vira mulatinha (bis)

Vira, vira, vira na roda de samba (bis)

Vira mulatinha, mulatinha de Prainha (bis)

Pisa mulata, pisa

Pisa na roda de samba (bis)

Olha a pomba com o gavião, tá em demanda  
(bis)

Ei, olha a pomba, é a pomba e o gavião (bis)

|A pomba com o gavião, tá em demanda  
(bis)

Refrão: Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira  
(do mar)

Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguêira do mar  
(bis)

## ANEXO C – “BALANÇA OS CACHOS” (XOTE)

Refrão: Balança os cachos, Iaiá, dos teus  
cabelos, Iaiá  
Não tenhas medo, Iaiá, de balançar (bis)

Passa pra cá  
Passa pra lá  
Passa pro coró  
Não faça cara de choro  
Que é pro povo não mangar

Refrão: Balança os cachos, Iaiá, dos teus  
cabelos, Iaiá  
Não tenhas medo, Iaiá, de balançar (bis)

Armamento novo, do novo alinhamento  
Quem mandou foi um sargento da guarda  
municipal (bis)

Refrão: Balança os cachos, Iaiá, dos teus  
cabelos, Iaiá  
Não tenhas medo, Iaiá, de balançar (bis)

Ponta de faca, baioneta e carabina  
Essas são as armas finas de soldado guerrear  
(bis)

Refrão: Balança os cachos, Iaiá, dos teus  
cabelos, Iaiá  
Não tenhas medo, Iaiá, de balançar (bis)

Quebrou a marreta, bota cabo, embirida  
Deixa isso pra riba e deixa o povo vadiar  
(bis)

Refrão: Balança os cachos, Iaiá, dos teus  
cabelos, Iaiá  
Não tenhas medo, Iaiá, de balançar (bis)